

américa latina

Manuel Zelaya, o retorno?

GOLPE EM HONDURAS Movimentos sociais convocam uma paralisação nacional, última cartada para pressionar pelo regresso do presidente deposto a seu cargo

Claudia Jardim
enviada a Tegucigalpa
(Honduras)

NA TELEVISÃO NÃO se fala “golpe”, mas sim “crise política”. Os jornais tratam Roberto Micheletti como presidente legítimo e atacam a “intransigência de Manuel Zelaya”, mandatário eleito em 2005, por não aceitar sua deposição. O apoio do Congresso, Igreja Católica e empresários ao governo de fato continua intacto.

Nas ruas, porém, o cenário muda. “Os golpistas pensam que estamos na década de 1980, mas o povo despertou, os tempos são outros, já não temos venda nos olhos e vamos até o fim”, afirma María Bejarano, em uma manifestação pró-Zelaya.

No dia 21, as centrais sindicais e a Frente de Resistência Contra o Golpe convocaram uma greve nacional, que pode paralisar até 1 milhão de trabalhadores (a população hondurenha gira em torno de 7,5 milhões de habitantes). A mobilização pode ser vista como uma última cartada para preparar o regresso de Zelaya ao país e sua restituição à presidência do país.

Para Israel Solinas, secretário-geral da Confederação Única de Trabalhadores de Honduras (Cuth), a paralisação busca chamar a atenção da comunidade internacional sobre a gravidade da crise. “Queremos mandar uma mensagem à OEA [Organização dos Estados Americanos] e ao governo dos EUA, porque é necessário que tomem medidas contundentes que afetem esse governo. Caso

contrário, não entregarão o poder e não sabemos o que pode acontecer”, afirma.

O isolamento do governo de turno em Honduras aumenta a cada dia. A União Europeia decidiu incrementar a pressão contra Micheletti ao cancelar o envio de 92 milhões de dólares previstos em um acordo de cooperação. Logo depois, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e o Banco Mundial suspenderam os empréstimos de cerca de 200 milhões de dólares estimados para este ano. Medida mais importante, no entanto, continua nas mãos do governo dos Estados Unidos, que até o fechamento desta edição (*dia 21*), não havia adotado nenhuma sanção econômica contra o governo de fato.

Retorno

É sob este clima que o presidente constitucional de Honduras pretende regressar ao país no dia 24. Zelaya, que corre contra o tempo, anunciou que deverá entrar por uma das fronteiras do país, onde será recebido por uma caravana de simpatizantes. É provável que ele entre pelo lado nicaraguense, onde, nos últimos dias, tem contado com o apoio do presidente deste país, Daniel Ortega.

Até o fechamento desta edição, não estava claro se Zelaya permaneceria na fronteira, para evitar o enfrentamento com as Forças Armadas (sob controle dos golpistas) ou se arriscaria a entrar, ainda sob o risco de ser preso. “Apesar da mobilização permanente da população, a situação é complicada, e cada dia que passa as possibilidades de que Zelaya recupe-

re o poder diminuam”, afirma uma fonte ligada ao governo deposto.

A postura do governo interino em Honduras é “indeclinável”, reiterou o presidente de fato, Roberto Micheletti, ao rejeitar a pressão que tem sofrido da comunidade internacional. Para tentar revertê-la em uma reunião com empresários e setores da sociedade civil, Micheletti pediu que fossem realizadas mobilizações a seu favor. “Façam as correspondentes manifestações para mostrar ao mundo que estamos unidos em um só bloco contra qualquer imposição, de qualquer país do mundo. Eles têm que nos respeitar”, afirmou.

Para Israel Solinas, secretário-geral da Confederação Única de Trabalhadores de Honduras (Cuth), a paralisação busca chamar a atenção da comunidade internacional sobre a gravidade da crise

Diante desse cenário, e após o fracasso das negociações na Costa Rica, que teve sua segunda rodada nos dias 18 e 19, Zelaya convocou seus simpatizantes a prepararem a resistência e seu retorno ao país. Ape-



Em Tegucigalpa, hondurenhos realizam manifestação pró-Zelaya: risco de guerra civil

sar do clima pacífico das manifestações a seu favor, o presidente deposto não descartou a possibilidade de que a crise hondurenha possa culminar em uma guerra civil. “Qualquer pessoa que esteja em Honduras pode ver que já começou esse enfrentamento”, afirmou, em uma entrevista ao jornal argentino *La Nación*.

Tensão

No dia 20, durante protestos realizados em frente ao Congresso Nacional, uma hondurenha abordou, ofegante, a reportagem do **Brasil de Fato**: “Estão torturando uns meninos na esquina, corre, corre”. Foi em vão. Segundos depois, os jovens já haviam sido levados por um carro do Exér-

cito. A maioria dos manifestantes que esbravejavam contra os congressistas que referendaram o golpe não soube da detenção dos jovens.

Francisco Ríos, do Bloque Popular, organização que agrega forças da esquerda hondurenha, explica que, devido à pressão internacional, o governo de Micheletti tem evitado dar demonstrações de força. “Não há tanques de guerra nas ruas ou militarização exacerbada, como se pode esperar em um Estado de exceção em que vigora o toque de recolher. No entanto, os mecanismos de repressão estão aí, prontos para serem ativados quando necessário”, alerta.

De acordo com a organização Comitê de Familiares de Deti-

dos e Desaparecidos, desde a deposição de Zelaya, foram realizadas mais de 1.500 detenções forçadas, e ao menos três pessoas foram mortas.

O golpe de Estado em Honduras tem sido visto como um precedente preocupante para a América Latina, cuja história foi marcada por quarteladas. “O golpe aqui, além de mostrar a incapacidade da classe política dirigente em solucionar seus conflitos, é também um alerta para a região e os seus diferentes governos de esquerda”, afirma Ríos. “Mais do que restituir Zelaya à presidência, a reação da comunidade internacional busca evitar que esse golpe se torne um precedente para saídas similares a outros conflitos”, conclui.

“A luta por mudanças econômicas, sociais e políticas neste país é irreversível”

Segundo um dos líderes da resistência ao golpe em Honduras, aconteça o que acontecer, a convocação de uma Assembleia Constituinte permanecerá como pauta fundamental de luta dos movimentos

da enviada a Tegucigalpa
(Honduras)

Depois de dias de manifestações, a restituição do presidente hondurenho, Manuel Zelaya, deposto por um golpe de Estado no dia 28 de junho, já não depende da resistência de seus simpatizantes. A pressão da comunidade internacional, especialmente dos Estados Unidos, pode desequilibrar a balança, que até agora tem favorecido o governo de fato, na opinião de Rafael Alegría, dirigente da Via Campesina Internacional e um dos principais protagonistas da Frente de Resistência ao Golpe. Ele considera que a aplicação de sanções severas por parte dos EUA, como um bloqueio econômico, podem alterar o panorama político do país, cujas ruas continuam tomadas por manifestantes que exigem o regresso do presidente constitucional. Leia, a seguir, trechos da entrevista de Alegría ao **Brasil de Fato**.

Brasil de Fato – O senhor participou da segunda rodada de negociações na Costa Rica, nos dias 18 e 19, que acabaram fracassando. Entre as restituições, estava a restituição de Manuel Zelaya ao poder e a formação de um governo de coalizão. O que aconteceu na mesa de negociações?

Rafael Alegría – Esse diálogo não chegou a começar. A intransigência dos representantes do governo golpista impediu a discussão do primeiro ponto, que era a restituição do presidente Manuel Zelaya e da institucionalidade no país. Em sua declaração final, a comissão de Micheletti [Roberto Micheletti, presidente de fato] expressou que as negociações eram uma forma de ingerência. Portanto, os demais pontos da pauta sequer foram debatidos. A única solução para que esse diálogo funcionasse seria tomar medidas de pressão contra o regime golpista, e isso não ocorreu até agora.

Manuel Zelaya convocou seus simpatizantes à resistência e anunciou que regressaria a Honduras. Quais são as circunstâncias e os riscos possíveis desse regresso?

A resistência continua e não há dúvida de que nesse regresso há riscos. As Forças Armadas podem disparar. Já fizeram isso. Mataram um jovem e reprimiram duramente a grande manifestação [ocorrida no dia 5, quando um avião que transportava Zelaya tentou pousar no aeroporto de Tegucigalpa]. O chefe do Estado Maior Conjunto tinha o mandato para assassinar. O plano era de assassinar, e poderiam fazê-lo dessa vez também. O presidente está decidido a tudo, definitivamente. Por outro lado, os mi-

litares e os golpistas também devem ter cuidado, porque, se dispararam os fuzis, não sei como o povo pode responder diante de uma situação assim. Poderia desencadear uma situação de violência generalizada, e não queremos isso. Levamos 25 dias [até 21 de junho] de manifestações pacíficas.

Micheletti conta com o apoio do Congresso, das Forças Armadas, de empresários e da Igreja Católica. Há a possibilidade real de que Zelaya retome a presidência?

Para que nossa pátria volte à normalidade, à tranquilidade, para que realizemos as eleições previstas para novembro, o ideal seria a restituição do presidente Zelaya e o chamado a um diálogo nacional, de concertação, para avançarmos. Do contrário, estaremos aniquilados. A União Europeia já cortou a cooperação [de 92 milhões de dólares] com Honduras. Hillary Clinton [secretária de Estado dos Estados Unidos] ameaçou Micheletti com medidas que esperamos que sejam fortes. Isso significa que a crise irá se agudizar. No entanto, sabemos que a cada dia as possi-

“Os militares e os golpistas também devem ter cuidado, porque, se dispararam os fuzis, não sei como o povo pode responder diante de uma situação assim”

bilidades de restituição do governo [de Zelaya] se dificultam mais.

Medidas enérgicas de parte da comunidade internacional, em especial do governo dos Estados Unidos, poderiam modificar esse panorama?

Sem dúvida. A América Central vive ligada e dependente por muitos anos da política norte-americana. Eles tiveram controle político absoluto desses governos nos últimos anos, e em Honduras continuam tendo. Dessa maneira, nós consideramos que, se os EUA assumissem uma posição mais firme, mais categórica, mais contundente, esses senhores não teriam outra alternativa senão entregar o poder. Mas, até agora, são apenas declarações, algumas conversas, mas não to-



Além de protestos no país, golpistas sofrerão pressão internacional

mam medidas. Não queremos intervenção armada de nenhuma maneira. Esse problema é político e queremos resolvê-lo da maneira mais pacífica e tranquila. Nós, os hondurenhos, obviamente contando com solidariedade internacional. Não queremos mais sacrifícios para nosso povo, mas definitivamente não estamos dispostos a cruzar os braços. Continuaremos em resistência. Não sabemos onde isso tudo poderá chegar.

Roberto Micheletti e o Congresso argumentam que Zelaya pretendia modificar a Constituição de olho na reeleição. Quais são os fatores que desencadearam o golpe?

Não tem nenhuma relação com a reeleição. Isso é parte da campanha de desinformação. A comissão de negociadores de Michelletti chegou a argumentar na Costa Rica que, quando deram o golpe, Zelaya já não era presidente da República. Estranho, porque no sábado à noite [dia 27 de junho], ele estava reunido com o corpo diplomático dos EUA e com delegações internacionais de observadores da consulta popular. Zelaya rompeu com os latifundiários e com a burguesia. Ele entendeu que era necessário dar uma virada no governo a favor dos pobres, ao não privatizar os serviços públicos, ao permitir um clima a partir do qual se retomou a necessidade de que os camponeses tenham

acesso à terra. Aumentou o salário mínimo. Zelaya foi criando um clima de maior participação cidadã e ele está convencido de que é necessária uma nova Constituição, mais democrática, popular e mais representativa. Isso gerou o ódio dessa burguesia atrasada que temos no país. A gota d'água foi a assinatura do acordo de integração à Alba [Alternativa Bolivariana para as Américas]. Depois disso, começaram a gritar que Zelaya está se aproximando do chavismo, do comunismo. Nada disso. Ele quis equilibrar as desigualdades sociais. Melhor salário aos operários, terra aos camponeses... e está convencido de que o modelo econômico fracassou. Ele acredita que há que construir um modelo econômico mais justo, por isso a Constituinte. Isso desencadeou o golpe.

A Frente Nacional de Resistência continuará apostando na realização de uma Assembleia Constituinte ou isso depende do regresso de Manuel Zelaya à presidência?

A ânsia por mudanças do nosso povo é evidente e, aconteça o que acontecer, a luta por mudanças econômicas, sociais e políticas neste país é irreversível. Nem empresários, Micheletti ou as Forças Armadas poderão deter esse desejo de mudanças. A Constituinte não se negocia. A Assembleia Constituinte e uma nova Constituição são fundamentais, e eu tenho a esperança que alcançaremos isso. Se não for neste processo imediato, será a bandeira de luta dos próximos dias. Toda a mudança passa por uma Constituinte. Este é o temor dos grupos fascistas golpistas que não querem espaços de participação cidadã. (CJ)